

A Literatura no Youtube: Adaptação Audiovisual Produzida por Alunos¹

Eliana NAGAMINI²

Faculdade Cásper Líbero/ Faculdade de Tecnologia São Paulo

Resumo

O processo de adaptação de obras literárias na escola constitui uma estratégia dinâmica e enriquecedora para professores e alunos, visto que a produção de pequenos vídeos desperta uma recepção significativa do texto literário pelos jovens estudantes. Comprovamos tal fato pela circulação desses vídeos no *youtube* que, ao disponibilizar esses materiais, permite construir um novo modelo de interação entre os sujeitos participantes do processo, projetando um fazer pedagógico para além da sala de aula. Tomamos como objeto para este estudo adaptações, produzidas por alunos, inspirados em dois romances de Jorge Amado: **A morte e a morte de Quincas Berro d'Água** e **Capitães da Areia**. O resultado das releituras indicaram três vertentes: a criação de marcas de intertextualidade, a articulação com adaptações feitas pelo cinema e a utilização de diferentes linguagens.

Palavras-chave: adaptação; literatura; educação; comunicação; *youtube*.

Introdução

A formação do leitor de obras literárias tem sido um grande desafio para o professor de Língua Portuguesa e Literatura. As obras de Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo são indicações essenciais para compreendermos a formação da Literatura Brasileira. Porém, para os jovens estudantes são livros de leitura difícil ou enfadonhos, exigindo momentos de reflexão e lentidão. Não são poucas as tentativas dos professores para motivar a leitura e apontar a importância do gênero literário como registro do processo de construção de uma estética que espelha a identidade cultural de nossa sociedade (CANDIDO, 2000).

Uma dessas estratégias é a adaptação da obra literária para a linguagem audiovisual. Observamos que o processo de adaptação desse gênero na escola constitui uma atividade dinâmica e enriquecedora para professores e alunos. A produção de pequenos vídeos pode despertar o jovem estudante para a recepção significativa do texto literário. Comprovamos tal fato pela circulação desses vídeos no *youtube* que, ao disponibilizar esses materiais, permite construir uma interação entre os sujeitos participantes do processo, projetando um fazer pedagógico para além da sala de aula.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP); Mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP); docente na Faculdade Cásper Líbero e na Faculdade de Tecnologia São Paulo

Há diversas produções disponíveis de obras da Literatura Brasileira e, muitas delas com a informação de que se trata de um trabalho realizado na disciplina Língua Portuguesa, nos três níveis de ensino (fundamental, médio e superior). Nossa análise partiu do estudo de adaptações, produzidas por alunos, inspirados em dois romances de Jorge Amado: **A morte e a morte de Quincas Berro d'Água** e **Capitães da Areia**³. Seleccionamos quatro produções, duas de cada obra, de instituições diferentes de ensino médio, momento em que as atividades com o gênero literário são mais intensas, porque frequentemente tem como objetivo preparar o aluno para exames vestibulares.

O resultado das releituras indicaram três vertentes: a preocupação em criar marcas de intertextualidade, a articulação com adaptações já produzidas pelo cinema e a utilização de diferentes linguagens imagéticas e/ou verbais para compor a nova narrativa. Revela-se, nessa atividade, um perfil de leitor/escritor contemporâneo que não se restringe à recepção e à produção, mas também almeja compartilhar o vídeo ao colocá-lo em circulação no *youtube*.

Afirmamos que a estratégia torna-se dinâmica porque permite ao aluno ocupar o lugar de produtor/emissor, incentivando a recepção, pois é preciso ler a obra, apreendê-la em seus aspectos mais importantes e, principalmente, posicionar-se diante dos valores – morais, sociais, culturais – para expressar um julgamento sobre a obra na medida em que há escolhas que devem ser feitas para recontar a narrativa. Além disso, a circulação do vídeo dá maior visibilidade aos participantes, projetando-os para fora da sala de aula, ao mesmo tempo em que favorece outro modo de interação não somente com a escola, mas também com o mundo.

1. Da sala de aula para o youtube

Muito se tem discutido sobre a necessidade de a escola repensar sua matriz curricular e, principalmente, as metodologias de ensino. As produções dos alunos são indicativas da percepção e reconhecimento, por parte dos educadores, da importância de possíveis diálogos entre Comunicação e Educação. Porém, propor mudanças nem sempre depende somente da vontade dos educadores, como constatamos na pesquisa realizada com

³ Esta pesquisa faz parte de um projeto mais amplo sobre as várias circunstâncias que envolvem a recepção, produção e circulação de adaptações cinematográficas inspiradas em obras literárias, seja no âmbito da escola, sob a orientação do professor, seja pela indústria cinematográfica, que esta pesquisadora tem desenvolvido desde a dissertação de mestrado e da tese de doutorado. O *trailer* das adaptações cinematográficas das duas obras de Jorge Amado foi o foco da pesquisa desenvolvida no CIP (Centro Interdisciplinar de Pesquisa) da Faculdade Cásper Líbero.

professores de ensino médio da cidade de cidade São Paulo, na tese de doutorado **Literatura em diálogo com a Comunicação: mediações no contexto escolar**⁴, cujo resultado apontou interferências das condições de infraestrutura, da jornada de trabalho dos docentes, entre outros fatores que impediam a realização de atividades mais dinâmicas – como a recepção e a produção de adaptações de obras literárias - ou com enfoque nos dispositivos tecnológicos, mesmo com a presença desses aparelhos na escola.

Citelli, em “Comunicação e educação: implicações contemporâneas”, atesta que

nos últimos anos as escolas vêm se equipando dos recursos audiovisuais. Itens como televisão, DVD, rádio, aparelhos de CD estão presentes em praticamente toda rede de ensino pública, o que representa uma tentativa de acompanhar a celeridade das mudanças ocorridas no âmbito das tecnologias audiovisuais (2011, p. 69).

No entanto, somente acompanhar o ritmo das tecnologias não garante a ressignificação da escola e de seus conteúdos. A questão é mais complexa do que se imagina e, nesse sentido, buscamos suporte teórico no pensamento de Orozco (2014), Santaella (2012), alinhando um caminho para a alfabetização audiovisual. Esse percurso, para nós, pode ser construído a partir da recepção de obras literárias e sua releitura proposta em linguagem audiovisual, cuja intertextualidade revela a identidade coletiva desse leitor contemporâneo imerso na convergência de linguagens, verbais e não verbais.

Dentre as diversas adaptações da Literatura Brasileira, tomamos duas obras de Jorge Amado por ser um autor sempre indicado como leitura obrigatória no ensino médio e porque foram adaptadas para o cinema. Não consideramos o encaminhamento realizado pelo professor, visto que nos importa analisar as adaptações com um olhar de fora da escola, ou seja, como eles chegam ao *youtube*. Certamente a atividade leva os alunos a um questionamento: como lidar com a dificuldade de retratar a obra original considerando as limitações de tempo, de lugar, de aparato técnico, sem perder de vista o objetivo da atividade que é a de expressar uma leitura?

Nesse percurso, há dois elementos essenciais para compreendermos o processo de adaptação (NAGAMINI, 2004): os elementos de permanência marcam as relações de intertextualidade por meio dos recortes da obra original; e os elementos de atualização mostram os desvios tanto narrativos quanto de produção técnica, tendo em vista a especificidade da linguagem audiovisual.

⁴ Realizada na Interface Comunicação e Educação da ECA/USP, sob a orientação do Prof. Dr. Adilson Citelli, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-22052013-104907/pt-br.php>.

Opera-se, nesse sentido, uma articulação entre a leitura do texto escrito, impresso, e a forma com que é possível expressá-lo em outra linguagem. De receptor, o aluno passa a ser o produtor. São as habilidades com os dispositivos midiáticos que permitem filmar, gravar, fotografar e, principalmente, editar, pois é nessa etapa final de produção que os sentidos vão compor a mensagem do novo texto.

Segundo Santos, o avanço tecnológico contribuiu para o surgimento de novas relações com o mundo, pois deixamos de ser meros receptores para nos constituirmos enquanto produtores. Trata-se de uma característica do cenário contemporâneo, como nos mostra Santos:

O ciberespaço surge não só por conta da digitalização, da evolução da informação e de suas interfaces, própria dos computadores individuais, mas também da interconexão mundial entre computadores, popularmente conhecida como internet. Da máquina de calcular à internet, muita coisa mudou e vem mudando no ciberespaço. Essa mudança se caracteriza, dentre outros fatores, pelo movimento *faça você mesmo*. O ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias (2010, p.34).

E, não é simplesmente um fazer, é um modo de percepção do mundo, de expressões, de linguagens, em um contexto que favorece a hibridização dos vários meios (SANTOS, 2010). Nessa perspectiva, não apenas a leitura de imagens se faz presente (SANTAELLA, 2012), mas também a produção de textos em linguagem audiovisual.

Santaella (2004) apresenta três categorias de leitor que foram se desenvolvendo a partir das mudanças históricas, estéticas e tecnológicas. O “leitor contemplativo” é aquele do período do Renascimento, cujo olhar capturava imagens bidimensionais, por isso o destaque para a imagem fixa, diferente do “leitor movente” que percebia o mundo em movimento, da era industrial, quando o ritmo de produção se altera. Já o “leitor imersivo”, contemporâneo, ganha seus contornos com a criação do ciberespaço, na construção de um caminho – incerto - de leitura do hipertexto composto por um conjunto de textos sonoros, visuais, verbais, levando a links, hiperlinks, isto é, a hipermídia que caracteriza o mundo virtual. Para a autora, a formação do leitor depende dos estímulos a que está exposto, por isso o leitor de livros é diferente do leitor de linguagens imagéticas, principalmente quando se trata de um leitor que circula pelo ciberespaço.

Orozco propõe uma alfabetização audiovisual, ou melhor, uma alfabetização midiática, devido à importância de se formar não somente receptores como também emissores/produtores, pois

visa tornar realidade essa cultura de participação que as redes sociais estimulam e possibilitam (...). Os novos participantes na comunicação têm de aprender a ser comunicadores. E isso é um desafio complexo, político, cultural e socioeconômico, mas que começa com a comunicação e a educação (OROZCO, 2014, p. 33)

Ou ainda uma alfabetização digital, como defende Martins. Para o autor, trata-se de uma visão que

“pretende superar a mera habilidade mecânica de codificar e decodificar textos em diferentes linguagens para focalizar as implicações individuais e sociais de sua criação, difusão, interpretação, utilização etc” (2014, p. 190).

Isso significa reconhecer as transformações que o deslocamento dos sujeitos envolvidos – professor e aluno - no processo de ensino-aprendizagem pode provoca, ou seja, propiciar maior diálogo no contexto escolar que favoreça a participação do aluno, cujo perfil se caracterize pelo protagonismo social. Evidentemente esse movimento tem implicações complexas, pois antes de tudo exige maior atitude para assumir responsabilidades, de naturezas diversas.

Nesse sentido, a escola precisa responder à pergunta: qual leitor quer formar? Nossa resposta: um leitor que experimente o prazer estético da obra literária e, ao mesmo tempo, compreenda a importância das várias formas de narrar a existência humana, seja pelo texto verbal escrito ou com as linguagens midiáticas. E, principalmente, perceber que para construir o novo precisamos apreender o velho, ou apagaremos da memória o que somos hoje. Posto isso, acreditamos ser pertinente desenvolver as atividades como estas que são apresentadas nos vídeos selecionados.

1.1.A morte e a morte de Quincas Berro d'Água

Site youtube	Título	Permanência	Atualização
Vídeo 1 https://www.youtube.com/watch?v=fwJLmxKLj0o 15' 39" Publicado em 5 de nov. de 2013 Produção: estudantes do 3º A de 2013 CEd São Francisco, São Sebastião, DF	A morte e a morte de Quincas Berro d'Água	Personagens: Quincas, Vanda, os quatro amigos, tio Eduardo, tia Maroca, Quitéria Narrativa: centrada em Quincas (bêbado); cenas: velório (troca de roupa), candomblé, segunda morte de Quincas	Narrativa: morte de Quincas é retratada no bar quando está bebendo; é encontrado morto na rua por um dos amigos; não há referência à trajetória de Quincas; Quincas cai na ribanceira com ajuda dos amigos Cenário: paisagem urbana e rural Trilha sonora de destaque:

			“Eu bebo sim”, de Velhas virgens https://www.youtube.com/watch?v=XhbxNOMLASy Linguagem: filmagem e edição; vídeo e <i>making off</i>
Vídeo 2 https://www.youtube.com/watch?v=ul_8JEkyIUw 17’23” Publicado em 21 de nov. de 2013 Produção: estudantes do 3º E de 2013. CEd São Francisco, São Sebastião, DF	Quincas e as relíquias da morte	Personagens: Quincas, os quatro amigos, Quitéria Narrativa: centrada em Quincas; cenas: velório, origem do apelido; Último texto escrito: citação dos versos do final do livro	Narrativa: notícia da morte de Quincas; tristeza quatro amigos chorando perto de um canavial; chegam ao velório onde já se encontra tio Eduardo; Quincas cai no córrego. Cenário: paisagem urbana, rural, córrego/cachoeira Linguagem: texto escrito na tela para operar cortes de cena e contextualização

Nas adaptações de **A morte e a morte de Quincas Berro d’ Água**, vídeo 1 e 2, o personagem principal, Quincas, conduz a narrativa, cujo humor é construído na relação entre a tragédia da morte e o percurso fantástico dos quatro amigos. Em ambas as produções, os alunos destacaram as cenas do velório e da despedida dos amigos para expressar a interpretação da obra original. Ou seja, para eles a essência da obra está nas circunstâncias de morte de Quincas e no pequeno grupo de amigos, companheiros de vida boêmia. Há poucas referências à vida regrada de funcionário público.

Na obra de Jorge Amado, o processo de carnavalização do personagem principal, apontado por Sant’ Anna, que deixa de ser o Joaquim Soares da Cunha e transforma-se em seu oposto, o boêmio Quincas, é o que torna intensa a atitude do personagem no caminho de sua libertação. Fica evidente a intencionalidade dos alunos para eliminar essa passagem, embora durante o velório – tal como no livro – os amigos trocam a roupa de Joaquim para a de Quincas. Desse modo, uma das mortes não é recontada, simplificando a narrativa.

Naturalmente o recorte é necessário devido ao tempo de exibição, às limitações técnicas e ao espaço disponível para a filmagem. Podemos dizer que parte da trajetória de Quincas, no vídeo 1, está presente na música selecionada pelo grupo: “Eu bebo sim” cantada pela banda Velhas Virgens, que revela traços do universo musical dos jovens estudantes. Já no vídeo 2, o recurso utilizado foi o texto verbal escrito para contextualizar parte da narrativa original e operar-se a edição entre uma passagem e outra. Enquanto no vídeo 1 predominou a filmagem, no vídeo 2 houve uma mescla de imagem em movimento - filmagem - e texto verbal.

O cenário, apesar de perder a relação com a Bahia, preserva o espírito da obra de Jorge Amado. O deslocamento do lugar da morte – final -, do mar para a ribanceira (vídeo 1) ou para a cachoeira (vídeo 2), é condizente com o espaço no qual estão inseridos os alunos, já que a escola é do DF, cuja vegetação é típica do cerrado, possuindo rios e cachoeiras em sua geografia. O desvio da narrativa tem como objetivo adequar-se ao cenário natural, onde estão situados os alunos.

Em relação ao título, o vídeo 1 apresenta maior preocupação em fazer referência à obra original, já no vídeo 2 ocorre um desvio na alusão a um dos episódios vividos por Harry Potter, “Relíquias da Morte”, que traz a lenda dos três irmãos para enganar a Morte, filme de grande projeção no cinema, indicativo do consumo de bens culturais dos alunos, assim como as escolhas musicais.

É importante destacar que ambos os vídeos estão disponíveis no Canal de Literatura, que funciona como repositório do projeto desenvolvido por Diogo Ribeiro, professor no Centro Educacional São Francisco, escola pública de São Sebastião. Segundo informações no site do *youtube*, “o Canal de Literatura é um espaço de divulgação dos trabalhos produzidos pelos estudantes da escola, tendo sempre como tema inspirador algum texto literário”⁵. O canal possui outros vídeos de diversos autores da Literatura. A estratégia é, portanto, um exercício sistemático proposto pelo professor.

1.2. Capitães da Areia

Site youtube	Título	Permanência	Atualização
Vídeo 3 https://www.youtube.com/watch?v=bMgZ0WW7B7s 7' 59 Publicado em 18 de nov. de 2014 Trabalho teatral realizado pelo terceiro A do Ensino Médio, Colégio Joaquim Maria Machado de Assis.	Capitães da Areia	Personagens: Pedro Bala, Dora, Professor, Gato, Dalva, Sem Pernas Narrativa: roubo da casa; Gato e Dalva; entrada de Dora no grupo; conflito entre os grupos de meninos; prisão de Pedro Bala e Dora; morte de Dora; narradora em <i>off</i> para contextualizar algumas partes da história	Mescla cenas do filme com filmagem realizada pelos alunos em uma casa; imagens extraídas da internet para caracterizar a passagem do tempo Linguagem: texto verbal na narrativa em <i>off</i> , filmagem, colagem com cenas do filme. Destaque musical: Joao de Barro; Maria Gadú
Vídeo 4	Teatro Capitães da	Personagens: Pedro Bala,	Narrativa: presença de um

⁵Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fwJLmxKLj0o>

<p>https://www.youtube.com/watch?v=hj9AjYotHjI 15'50" Publicado em 2 de out de 2012 Trabalho de literatura do 2ºB. Adaptação da obra de Jorge Amado, Capitães da Areia</p>	<p>Areia</p>	<p>Dora, Sem Pernas, Grande, Gato Narrativa: referências sobre os capitães da areia em jornais; cotidiano dos meninos; roubo em casa de família; entrada de Dora no grupo; cenas de capoeira; conflito entre grupos de meninos; prisão de Pedro Bala e Dora; morte de Dora</p>	<p>narrador vivido pelo Professor, mesclando resumo e diálogos entre os personagens Cenário: quintal de uma casa onde os estudantes realizam um jogral e também algumas encenações. Linguagem: teatral; teatro filmado</p>
---	--------------	---	--

Em Capitães da Areia, vídeos 3 e 4, a ênfase está nos problemas de sobrevivência que envolve a realidade dos meninos. Os recortes da narrativa original são as cenas de roubo e de conflitos vividos pelos capitães da areia. A presença de Dora garante a recomposição de cenas semelhantes ao livro, assim como a circunstâncias de sua morte.

Percebe-se que há uma tendência em manter-se fiel à obra original por meio de traços que os alunos consideraram essenciais para reconhecer a intertextualidade. Nota-se, porém, o impacto do filme **Capitães da areia** (2009), roteiro e direção de Cecília Amado, pois há imagens extraídas do filme no vídeo 3. A produção passou pela leitura das obras de Jorge Amado e de Cecília Amado que, em sua articulação, resultou na criação dos estudantes.

Jenkins destaca a preocupação do mundo adulto – e da escola – com a utilização de conteúdos disponibilizados na internet. Mas o autor lembra-nos que a cópia também faz parte da aprendizagem como forma de experimentação de um fazer, tanto do ponto de vista estético, quanto técnico ou de reconstrução de narrativas que lhe são familiares, já que

erigir os primeiros esforços a partir de produtos culturais existentes permite-lhes concentrar sua energia em outras coisas, dominar a arte, aperfeiçoar habilidades e comunicar ideias (2009, p. 255).

Segundo Jenkins, tal atitude está relacionada com o que ele defende como letramento, ou seja,

o que podemos fazer com material impresso mas também com outras mídias. Assim como, tradicionalmente, não consideramos letrado alguém que sabe ler, mas não sabe escrever, não deveríamos supor que alguém seja letrado para as mídias porque sabe consumir, mas não se expressar (2009, p. 237).

Salientamos que a presença das cenas extraídas do filme revela a grande repercussão da produção cinematográfica na ocasião das comemorações dos 100 anos de Jorge Amado. O filme foi amplamente divulgado pelas mídias antes de sua estreia, com a circulação do *teaser*, em 2010 e do *trailer*⁶ em 2011. Certamente o processo de adaptação passa pela apreensão do filme, principalmente se observarmos as dificuldades para construir o mesmo cenário de Salvador.

As cenas da Bahia situam a narrativa num espaço distante dos alunos, o vídeo 3 foi produzido por alunos de uma escola da cidade de São Paulo e as filmagens realizadas ficam restritas a um espaço doméstico para retratar algumas cenas.

Outro recurso utilizado pelos dois grupos foi a inserção de um narrador, seja em *off*, vídeo 3, ou condensando em um dos personagens, como o Professor, no vídeo 4. O texto verbal, nesse sentido, tem importante função para a construção da narrativa, ou seja, tem o objetivo de estabelecer maior articulação entre um episódio e outro a fim de eliminar possíveis lacunas na história, compondo a coerência de sentido do novo texto.

Porém, enquanto no vídeo 3 a predominância é a da bricolagem entre cenas do cinema e da filmagem doméstica, no vídeo 4 a linguagem teatral ganha destaque. Já no título temos a referência de que se trata de um teatro filmado, pois todas as cenas se passam em um espaço restrito de uma casa, as falas obedecem a um formato de jogral em alguns momentos.

2. O youtube: compartilhar e construir visibilidade

Martin-Barbero (2014), ao discutir as relações entre processos educativos e comunicacionais, afirma que o desenvolvimento das tecnológicas reconfigura o lugar de construção do saber. A experiência com o audiovisual, seja na perspectiva de Orozco (2014), Santaella (2004), ou de letramento com Jenkins (2009), converge para a recepção/produção por meio das linguagens, abrindo um leque de possibilidades para expressar mensagens, bem como a de fazê-las circular, como os vídeos que capturamos pelo *youtube*.

O *youtube* é um site que permite compartilhar vídeos de conteúdos diversos, dos mais referenciais – como as videoaulas – aos ficcionais – como *trailers* e filmes (BURGESS e GREEN, 2009). Pode ser usado com objetivos educacionais,

⁶ Ver o artigo “O estudo do trailer de adaptações de obras literárias como prática educomunicativa”, apresentado no XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2014. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0366-1.pdf>

propagandísticos ou simplesmente estéticos. Criado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o *youtube* confere a possibilidade de qualquer um tornar-se um produtor/emissor, e de participar fazendo circular diferentes conteúdos no ciberespaço. E, desde sua criação tem conquistado um público de receptores e produtores cada vez maior; não é à toa que teve a iniciativa de instalar no Brasil⁷ (São Paulo), em 2014, uma unidade que visa orientar e formar produtores de vídeos, em parceria com a ONG de educação audiovisual, Instituto Criar, que promove oficinas de TV e de cinema para jovens de classes com baixa renda familiar. O Youtube Space já existe em Los Angeles, Londres, Tóquio e Nova York. A condição para participar das oficinas é já ter vídeos disponibilizados no site, com pelo menos mil assinantes em seus conteúdos.

Para disponibilizar um vídeo é preciso abrir uma conta e ter um canal. Por se tratar de um site aberto, os vídeos podem ser acessados por qualquer pessoa. No site, pode-se registrar a preferência por determinado vídeo e ter o número de acessos como indicativo da popularidade do seu criador e atribuindo-lhe visibilidade.

No caso do vídeo 1 e 2, que pertencem ao mesmo canal, apesar de não terem tantas visualizações até nosso último acesso, 56 e 55, respectivamente, o canal possui 18.604 visualizações, desde 2009. Os canais de Capitães da Areia são distintos tendo o vídeo 3, 28 visualizações do total de 700 para o canal desde 2011; o vídeo 4 possui 374 visualizações e o canal conta com 1.302 desde 2011. Além da representação numérica do grau de popularidade do canal, também é possível situar graficamente os períodos de maior visitação nas estatísticas apresentadas para cada um dos canais, informações que estão disponíveis no próprio canal.

A importância dos dados apresentados reside no fato de apontar para o alcance do conteúdo publicado. Obviamente o Canal de Literatura é um canal de temática específica e gerenciado por um professor que, muito provavelmente, organiza e orienta os trabalhos. Os outros dois canais, por serem pessoais, não seguem uma linha definida agregando vídeos de conteúdos diversos.

Entretanto, o que os torna comum é o fato de dar visibilidade a trabalhos realizados por alunos no interior de suas escolas. São, portanto, resultado de estratégias pedagógicas, em princípio para fins avaliativos – não é relevante para nós saber se recebeu ou não uma nota ou conceito - que deixam o espaço da escola para tornar-se público. Isto é, desterritorializa o conteúdo acionando outro modo de interação, ao mesmo tempo em que

⁷ Ver reportagem disponível em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/youtube-space-chega-ao-brasil-para-produzir-videos.html>.

transforma seus protagonistas em celebridades. Orozco, na perspectiva da educomunicação, ressalta que o processo de ensino-aprendizagem está sujeito a múltiplas mediações, sobretudo porque instaura um campo de diálogo com o ecossistema comunicacional, visto que

O discurso de sala de aula deve reconhecer-se não apenas como instância mediadora entre docente e discente, tradição propedêutica e demandas provocadas pelas presentes formas de construção do conhecimento, mas também como sendo cruzado por miríades de outras mediações, na sua multiplicidade constituidora de campos de sentidos: internet, redes sociais, televisão, rádio etc (2014, p.9).

A internet, com as redes sociais, favorece a construção de outros modos de interação (CASTELLS, 2003) com os quais estávamos acostumados, pois agora muitas vezes a interação é mediada por computadores. Temos o acesso às mais variadas informações bem como estabelecemos novas condutas de relações sociais na medida em que muito de seu conteúdo é compartilhado, e quando isso acontece é indicativo de afetividade, pois aproxima as pessoas pelas suas afinidades temáticas, ideológicas e culturais. Compartilhar significa “ter ou tomar parte em; arcar juntamente (...), compartilhar com, partilhar com”⁸, “participar de”⁹. A participação pressupõe um estar junto com, ou seja, a interação permite criar a noção de pertencimento e, conseqüentemente, leva à afetividade, que deixa de ser privada para ser exposta publicamente.

Recuero, citando Sibila, atesta que as redes sociais na internet são marcadas pelo “imperativo da visibilidade” com a presença do “eu”.

Esse imperativo, decorrente da intersecção entre o público e o privado, para ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser ‘visto’, para existir no ciberespaço. (...) Talvez, mais do que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador” (2014, p. 27).

Visibilidade que também é expressa e compartilhada no *youtube*. Segundo Levy, com a internet as pessoas decidem o que querem acessar e o que querem publicar, ou seja,

Toda a gente faz ‘comunicação’. (...) Compreende-se então, ao assistir à explosão da diversidade das mensagens, que a maior parte do que era ‘privado’ não era senão algo público, mas recalcado: uma palavra que não tinha saída.(...) Este soltar da palavra, este ‘poder finalmente dizer’, este ‘mostrar’ e ‘mostrar-se’ generalizado é uma das primeiras dimensões da revolução da ciberdemocracia (2002, p. 57).

⁸ Dicionário Houaiss, online

⁹ Dicionário Michaelis, online

A participação em vários momentos e segmentos da vida social, com a “libertação da palavra” (LEVY, 2002), torna-nos responsáveis pela palavra que proferimos. Neste ponto, acreditamos ser a função da escola a conscientização dos jovens sobre sua participação e a responsabilidade ao assumirem o seu protagonismo, pois

um indivíduo isolado, perdido na imensa e desordenada base de dados da Internet, incapaz de encontrar o que procura ou que se contenta com os primeiros resultados propostos por um motor de busca, então teremos a sensação de que a crescente abundância das informações e a ausência de triagens prévias são mais uma perda de do que um progresso (2002, p. 59).

Vale lembrar que, por ser aberto, o *youtube* agrega uma infinidade de conteúdos nem sempre de qualidade, isto é, o videotrash, como destaca Felinto (2008). Se de um lado a internet é um território relativamente democrático – considerando o cenário econômico e social da realidade brasileira – e por isso permite ao usuário acessar uma infinidade de informações e também postar outra infinidade, de outro lado, nem tudo o que é encontrado ou disponibilizado no ambiente virtual tem relevância; há, nesse sentido, a necessidade de se garimpar conteúdos pertinentes à esfera coletiva – social, cultural, política – separando-o do “lixo digital”.

O processo de seleção desses conteúdos, certamente, depende da formação do leitor. Desse modo, a formação do leitor – crítico - pressupõe um movimento mais complexo e profundo para o exercício da cidadania.

Não temos dúvida de que a atividade proposta pelos professores para a produção de vídeos segue esse caminho de formação do leitor, motivando a participação dos alunos – isso fica claro no *making off* do vídeo 1 , pois valoriza a percepção dos meios que estão disponíveis para esses jovens e desenvolve a leitura e interpretação de obras da literatura. Recepção e produção são colocadas em um mesmo grau de importância no processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

O livro não deixa de estar presente na escola, apenas passa a ocupar outro lugar. Não perde seu valor na medida em que se articula com as linguagens midiáticas. E, em se tratando de obras literárias oferece um rico acervo de histórias a serem recontadas de diversas maneiras. Concordamos com Martín-Barbero (2014), quando o pensador destaca que o livro pode orientar o mundo das imagens na direção da participação crítica e criativa na “comunicação cidadã”. A atividade pode, inclusive, favorecer a mediação entre o livro e

outras formas de expressão da narrativa, que resulta do processo de adaptação. A responsabilidade pela “palavra” é assumida coletivamente, pelos alunos, pelo professor, pela escola, ao tornamos transparente o que é realizado dentro espaço escolar, através do *youtube*.

O processo de adaptação pelos alunos mostrou a existência de novas formas de linguagem que compõem o perfil do “leitor imerso” e que revela novos modos de narrar, articulando o velho – texto literário original – e novo – releitura da obra a partir de nova estética. A escola precisa entender e valorizar as peculiaridades desse receptor/produtor para desenvolver as potencialidades de leitor. De uma leitura mais apurada e ao mesmo tempo acompanhar o ritmo frenético da diversidade de textos a que somos expostos no cotidiano. Aceleração e lentidão. Fragmentação e linearidade. São exercícios para compreender o presente experimentando momentos de reflexão e projetando-se para o futuro.

Por isso, consideramos pertinente a afirmação de Martín (2014) sobre o fato de que os educadores não podem ignorar as mudanças que estão ocorrendo no cenário contemporâneo, cujos dispositivos midiáticos interferem nas fronteiras entre os espaços público e privado, criam novos modelos de interação e de sociabilidades, obrigam-nos a rever conteúdos e estratégias. Frente a tais mudanças, para além das interferências e intercorrências já existentes num processo político e histórico de decomposição da escola, o desafio para a educação formal consiste no reconhecimento da perda de controle que esses dispositivos podem acionar - na liquidez do cotidiano-, e na busca por novas metodologias de ensino.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro d'Água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Capitães da Areia**. 16ª reimpressão. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

BURGESS, J e GREEN, J . **Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: TA Queiroz/Publifolha, 2000.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CITELLI, A. “Comunicação e educação: implicações contemporâneas”. In: CITELLI, A. e COSTA, M.C.C. (orgs). **Educomunicação. Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FELINTO, E. Videotrash: o YouTube e a cultura do “spoof” na internet. **Revista Galáxia**. São Paulo, n.16, p.33-42, dez 2008.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Susana L. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LEVY, P. **Ciberdemocracia**. Trad. Alexandre Emílio. Lisboa: Odile Jacob, 2002.

MARTÍN, A. G. “Criação multimídia e alfabetização na era digital”. In: APARICI, R. **Educomunicação. Para além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

NAGAMINI, E. **Literatura, Televisão, Escola. Estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. 2ªed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANT’ANNA, A. R. “A vida e a vida de Quincas Berro d’Água” (posfácio). In: AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro d’Água**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, E. “Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura”. In: SILVA, M E PESCE, L. E ZUIN, A. **Educação online. Cenário, formação e questões didático-metodológicas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 20101.

Filmografia

CAPITÃES DA AREIA. Direção: Cecília Amado, produção: Bernardo Stroppiana e Cecília Amado, Rio de Janeiro: Lagoa Cultural e Maga Filmes, 2011, DVD.